

PROVÁVEIS CONTRIBUIÇÕES DOS EDUCANDOS À GESTÃO ESCOLAR PARA A EFETIVAÇÃO DA ESCOLA REFLEXIVA

João Ademir Cancilier¹
Juliano Alexandre de Oliveira²

RESUMO

O objetivo com esta pesquisa foi identificar qual a compreensão que os estudantes da escola estadual Eurico Pinz de Fraiburgo, SC, possuem sobre as suas contribuições associadas às do gestor, pois este pode liderar os afazeres necessários para a efetivação da escola reflexiva. Os dados foram coletados por meio de questionário assistido, com explicações sobre o sentido da escola reflexiva. As questões foram delimitadas pelas temáticas da cidadania, participação, coletivo, individual, poder decisório, interação, entre outras. Os resultados demonstraram que a efetivação de uma escola reflexiva possui algumas exigências. Os estudantes destacaram algumas como mais importantes, entre elas participação de todos nos afazeres da escola, decisões coletivas, maior interação entre escola e comunidade, consideração do estudante em seu contexto geral. Sobre o gestor, destacou-se que sua contribuição é fundamental, pois, mediante sua liderança, influencia positivamente a todos, pais, professores, estudantes e demais funcionários. As ideias de participação e espaços reflexivos, como é o exemplo do conselho de classe, revelam que é possível efetivar uma instituição caracterizada pela reflexão. Palavras-chave: Escola reflexiva. Gestor. Estudantes. Participação.

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de desenvolver esta pesquisa surgiu do interesse em compreender como a concepção estudantil, mediante seu olhar sobre a realidade escolar e uma relação dialógica com a gestão, apresenta condições ponderáveis no sentido de interferir positivamente na passagem da escola atual tradicional à escola reflexiva. Portanto, uma compreensão que está intimamente associada à transformação da instituição escolar.

Inicialmente, é necessário compreender a escola na atualidade, principalmente no seu ponto de vista paradigmático. Porque os paradigmas definem a maneira de ser e de atuar; sem a compreensão destes não é possível vislumbrar uma nova organização institucional. Para tanto, algumas interrogações surgem como fundamentais para essa compreensão, entre elas: como essa instituição secular foi constituída? A serviço de quais interesses ela produziu e sistematizou os saberes? De que maneira essa instituição acolheu a diversidade de saberes advinda dos seus educandos? Depois de encontrarmos possíveis entendimentos relacionados a estas questões é possível vislumbrarmos a feitura efetiva de uma escola reflexiva.

A presente pesquisa, norteada pela temática da gestão, tem a intenção de aprofundar-se na compreensão no que se refere ao entendimento que permeia as questões anteriormente evidenciadas, oferecendo subsídios para a transformação da instituição escolar. Inicialmente, por meio de pesquisa, apresentaram-se elementos que caracterizam a escola tradicional. Dessa maneira, evidenciou-se a escola que possuímos com suas características historicamente constituídas.

Posteriormente, com a pesquisa de campo, constituída por nove questões aplicadas aos estudantes da escola Estadual Eurico Pinz no Município de Fraiburgo, SC, buscamos, por intermédio de análise e embasamento teórico, compreender e atender às necessidades de uma sociedade que, porventura, encontra-se em constante movimento de transformação, o que exige de seus educadores descumprir normas que tornem suas ações um hábito rotineiro, criando

¹ Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná; caboco.cancilier@yahoo.com.br

² Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Graduado em Letras pela Universidade do Contestado; alxjuo@yahoo.com.br

momentos e espaços de crescimento coletivo e tomada de decisões, tendo como parâmetros as discussões geradas a partir dos elementos marcantes da classe estudantil sobre pontos importantes para a efetivação da escola reflexiva.

E, finalmente, aprofundamos a fundamentação teórica, tendo por base a aplicação do questionário assistido, objetivando por meio deste uma melhor compreensão do que realmente é significativo na relação da gestão com a classe estudantil para efetivação da escola reflexiva. Propomos uma redefinição do papel desenvolvido pelo Estado, que constantemente desenvolve funções centralizadoras, questão esta que, em raros momentos, apresenta condições para que as práticas inovadoras sejam propostas e, conseqüentemente, sejam levadas ao fracasso pela burocratização do aparelho estatal.

Importante destacar que uma instituição com flexibilidade precisa do envolvimento, participação ativa, crítica e criativa de todos. Até porque o modelo como a instituição escolar tradicional escolar está organizada inviabiliza a participação ativa de todos os atores e agentes que constituem a comunidade escolar.

Nesta pesquisa, procuramos evidenciar o ato participativo por inteiro, procurando aprofundar a concepção estudantil para provocar nos alunos uma postura mais crítica na escola, em razão de que percebemos que estes ainda não foram oportunizados a definirem o destino da escola que frequentam e ainda não se sentem como parte integrante dela. Precisamos superar a expressão *na e para* a escola para substituí-la pela expressão *com* a escola. Segundo Alarcão (2001), a escola que se pensa e que se avalia em seu projeto educativo, trata-se de uma organização aprendente que qualifica não apenas os que nela estudam, mas também os que nela ensinam ou apoiam estes ou aqueles. Acima de tudo, quando nos propomos a debater sobre uma escola reflexiva, cabe-nos entender que estamos debatendo sobre uma escola geradora de conhecimento sobre si própria como escola específica e, desse modo, contribui para o conhecimento sobre uma instituição chamada escola. Dessa maneira, podemos iniciar uma concepção tipicamente de escola reflexiva.

2 PRÁTICAS COMUNS E QUESTÃO PARADIGMÁTICA NA ESCOLA TRADICIONAL

Para compreender as características da escola tradicional, entre outros elementos, julgamos necessário compreender as práticas cotidianas dessa instituição e também quais são os paradigmas que historicamente ofereceram sustentação a esse modelo. Na abordagem paradigmática estão presentes muitos elementos que tendem a se perpetuarem, entre eles questões relacionadas aos valores, à autonomia e à cidadania.

Para Behrens (2005), uma prática ainda comum nas escolas é a utilização dos paradigmas conservadores como método de ensino. Porém, em uma sociedade em constante transformação e na qual o desenvolvimento tecnológico tem atingido todas as camadas sociais, entre outras questões torna-se questionável o emprego de metodologias que exijam do aluno mera passividade e não lhe permitam o desenvolvimento da autonomia, uma vez que o professor deixou de ser o único possuidor do conhecimento ao qual se tem acesso.

Outro ponto expressivo observado pela autora é o fato de as pessoas estarem perdendo de vista valores que possibilitam a própria vida em sociedade, como o respeito, a solidariedade e a preservação da natureza. Portanto é necessário um método docente que reconstrua esses valores e, simultaneamente, gere consciência individual e coletiva ao indivíduo preparando-o para a construção de sua autonomia.

Contribuições importantes que nos auxiliam no entendimento das características sobre a escola tradicional também nos são oferecidas por outros pensadores da educação, entre eles citamos Saviani (1982). Este destaca que entre as características da escola tradicional está o caráter mecânico, artificial, a desatualização dos conteúdos e a existência de conhecimentos estáticos. Portanto torna-se evidente que uma instituição com esses predicados não apresenta possibilidades para a efetivação de uma escola reflexiva, excluindo a possibilidade da busca por um conhecimento dinâmico, o qual se apresenta como um processo constante de construção desafiando a ideia de um modelo único de ensino.

Além dessas questões, é importante destacar o aspecto particularizado da escola, indagando quem e como se beneficia com a maneira que ela está constituída. A instituição tradicional apresenta dificuldades para ser envolvente e contemplar todas as classes na mesma coletividade de decisões. O poder decisório sobre seu destino comumente é privilégio de um grupo ou de uma classe.

Auxilia-nos nessa reflexão Saviani (1982), destacando que a burguesia ao reconhecer e absorver as pressões contra o caráter formalista e estático dos conhecimentos transmitidos pela escola, por meio do Movimento da Escola

Nova, funcionou como mecanismo de recomposição da hegemonia burguesa. Portanto a escola tradicional apresenta-se como instituição a serviço de uma determinada classe que promove estrategicamente reformas mais tendo por finalidade perpetuar a garantia de seus interesses.

Isso porque subordinou as aspirações populares aos interesses burgueses, tornando possível à classe dominante apresentar-se como a principal interessada na reforma da escola, reforma esta que viria finalmente atender aos interesses de toda a sociedade, contemplando ao mesmo tempo suas diferentes aspirações, capacidades e possibilidades.

Esses são alguns elementos não menos importantes que tantos outros, que servem para ilustrar que os paradigmas educacionais que oferecem sustentação à escola tradicional precisam ser revistos tendo por intuito superá-los. Dessa maneira, é possível visualizar a passagem de uma escola tradicional para uma organização escolar reflexiva.

Conforme destaca Moraes (1997), o modelo tradicional de ensino adotado pela maioria das escolas, em diversos países, não estimula o pensamento divergente, a criatividade, a criticidade, não gera ambientes para as descobertas científicas, para o desenvolvimento de um trabalho cooperativo, além de uma série de outros valores que necessitam ser desempenhados nos novos ambientes de aprendizagem. Desse modo, a escola passa a ser desafiada a acompanhar as exigências oferecidas pela sociedade em sua totalidade.

3 CONCEITUANDO E CARACTERIZANDO A ESCOLA REFLEXIVA

Depois de apresentar alguns elementos sobre a escola tradicional a pretensão agora é oferecer alguns elementos daquilo que deverá ser a escola reflexiva. Esses elementos podem ser apresentados por meio de algumas interrogações, entre elas: quais serão seus elementos constitutivos? Como e quais serão seus princípios organizativos? Que tipo de pessoa ela pretende formar? Como será abordada a construção do conhecimento? Quais serão os grandes desafios ante as questões valorativas? Estas são algumas interrogações, entre tantas que nos atraem provocativamente, com o objetivo de superar o modelo tradicional, possibilitando o nascimento da escola reflexiva.

Para Tavares (2002), uma escola reflexiva deverá ser antes de tudo, uma escola de pessoas que pensam, sentem, sofrem, vivem, agem, colaboram entre si: a escola dos professores e demais agentes educativos. Todos deveriam ser essencialmente reflexivos, com um verdadeiro conhecimento e sentimento de si e dos outros. Destaca-se a importância da coletividade, contemplando igualmente todos os que estão na escola como pessoas que podem e devem contribuir para a concretização da escola reflexiva.

Ressalta-se a importância de que todos deveriam ser reflexivos e que a escola atual ainda não é reflexiva. Para tanto, necessita de uma vivência intensiva que entrelaça conhecimento, sentimento, sofrimento, vivências, ação e colaboração como partes integrantes do ambiente escolar.

Segundo Schön (2000), a perspectiva reflexiva não constitui um conjunto de procedimentos específicos. Trata-se de uma epistemologia da prática, de uma epistemologia diferente, que se caracteriza por ser um estado mental, uma forma de enfrentar e responder a problemas. Essa reflexão nos apresenta um grande desafio presente nas escolas que diz respeito à maneira como se enfrentam os problemas que nem sempre são resolvidos, muitas vezes são alargados gerando outros exatamente por não existirem espaços reflexivos que possibilitem a passagem do problema para a solução.

No pensamento de Lück (2001), a gestão é caracterizada pelo reconhecimento da importância da participação consciente e esclarecida das pessoas nas decisões sobre orientação e planejamento de seu trabalho. Segundo a respectiva autora, o conceito de gestão está associado ao fortalecimento da democratização do processo pedagógico, à participação responsável de todos nas decisões sobre o que ensinar como ensinar e quando ensinar.

É preciso garantir a participação de todos nas decisões, visando:

À criação de um ambiente em que o respeito e a efetividade sejam constantes, ao favorecimento do crescimento pessoal e profissional de todos os elementos da escola, à humanização do relacionamento, evitando quaisquer preconceitos, mesmo que velados, ao exercício da cidadania pela comunidade e ao envolvimento em todas as decisões fundamentais da escola. (SANTOS, 2002, p. 40).

Dessa maneira, é oportuno destacar o papel do gestor para a efetivação da escola reflexiva, por conduzir os afazeres da escola e interagir com todos aqueles que convivem no mesmo espaço; estudando ou trabalhando. O gestor, mediante sua liderança, pode mobilizar as pessoas para a efetivação da escola reflexiva.

Para Lück (2012), o trabalho dos gestores escolares se assenta, pois, sobre sua capacidade de liderança, isto é, em sua capacidade de influenciar a atuação das pessoas (pais, alunos, professores e funcionários) para a efetivação dos objetivos educacionais propostos pela escola. Isso porque a gestão se constitui em processo de mobilização e organização do talento humano para atuar coletivamente na promoção de objetivos educacionais.

De acordo com Schön (2000), o gestor escolar deve ser democrático, opinar e propor medidas que visem ao aprimoramento dos trabalhos escolares e ao sucesso de sua instituição, além de exercer sua liderança administrativa e pedagógica, buscando a valorização e o desenvolvimento de todos na escola. Evidencia-se que é imprescindível a liderança do gestor na passagem da escola conservadora para a reflexiva.

Sobre essa passagem, lembra Alarcão (2001) que a transformação da escola historicamente conservadora e racional em reflexiva e emancipadora é um processo em construção e não ocorre sem rupturas. Não é tarefa fácil romper a ordem estabelecida, tampouco é fácil ultrapassar as molduras imóveis do definitivo e acabado. Por conseguinte, é no mínimo uma situação provocadora que exige um profundo compromisso com a mudança, um constante diálogo com as incertezas e, sobretudo, uma grande abertura para acolher o novo e o diferente.

4 PESQUISA DE CAMPO

O tipo de questionário adotado foi o assistido, por este permitir ao pesquisador acompanhar e coordenar diretamente as perguntas aos entrevistados, porém não tínhamos o intuito de induzir os estudantes a se expressarem de acordo com ênfases do pesquisador, ao invés de suas próprias respostas. Tal escolha ocorreu por se tratar de questões com temáticas que poderiam dificultar a elaboração das respostas, portanto por um caráter explicativo e jamais por intenção de induzir respostas.

Após o momento explicativo, no qual foi evidenciado o sentido da temática escola reflexiva e também do papel do gestor para a efetivação de tal escola, a preocupação foi identificar qual a concepção dos estudantes sobre a unidade escolar onde eles estudam. Principalmente, tentar descobrir a partir das respostas dos estudantes se a instituição em algum momento, consegue pensar em si própria. E, supondo que consiga, quais as maneiras e momentos em que isso acontece.

As questões foram elaboradas objetivando encontrar elementos para aprofundar a reflexão sobre a compreensão da escola estadual Eurico Pinz, Município de Fraiburgo, SC, para identificar se existem na referida escola algumas características que possibilitarão a sua efetivação como reflexiva. O questionário possui por sustentação teórica o pensamento em torno da escola reflexiva de Alarcão (2001).

4.1 QUESTÕES E SUAS TEMÁTICAS

As questões foram as seguintes: 1 Você acredita que o gestor pode contribuir para a efetivação de uma escola reflexiva? De que maneira? Por meio de que iniciativas? 2 Com que frequência você participa das discussões e tomadas de decisões de sua escola? () nunca () raramente () às vezes () sempre. 3 Você participa de momentos reflexivos em sua escola? () nunca () raramente () às vezes () sempre. 4 Quais e como são os momentos que a escola utiliza para pensar sobre sua prática? Posteriormente a esses momentos se percebe continuidades ou avanços? 5 As decisões mais expressivas da escola resultam do individual ou do coletivo? Exemplifique. 6 A escola lança seu olhar para o indivíduo isoladamente ou considera também seu contexto e as relações estabelecidas? 7 É possível afirmar que a educação ocorre para o e no exercício da cidadania? Explique. 8 O que predomina em sua escola? Os professores lecionando e os alunos aprendendo ou toda a comunidade educativa – professores, pais, alunos e funcionários – participam no processo de aprendizagem? Comente. 9 Sendo a escola organização e vida, devendo ela espelhar um rosto de cidadania, que escola temos e que escola precisamos ter? Comente.

5 ANÁLISE DAS QUESTÕES

Os estudantes não apresentaram resistência em responder ao questionário, pelo contrário, sentiram-se valorizados por fazer parte de uma pesquisa que tem por objetivo propor condições de melhorias à escola. As respostas das questões foram objetivas, nítidas, consistentes e não apresentaram muitos detalhes, porém ofereceram elementos importantes para perceber que a escola, não diferente de tantas outras, continua sendo tradicional. Mas ofereceram também subsídios valiosos que revelam a existência das potencialidades necessárias para a efetivação da escola reflexiva.

Ao abordar o assunto relacionado à escola reflexiva e às características que o presente conceito pode expressar,

Em primeiro lugar, precisamos nos perguntar se não seria tolice afirmar que uma escola pode refletir. Não seria um abuso de linguagem? É legítimo falar sobre uma escola reflexiva? Não, não é tolice, tampouco abuso de linguagem. Para compreender essa afirmação, precisamos inicialmente esclarecer o que se entende por escola, da mesma maneira que inicialmente nos perguntamos o que seria a “qualidade na educação”. (CASASSUS, 2001, grifo nosso).

Percebemos que esse assunto se associa ao entendimento que se possui sobre a escola e também sobre a qualidade na educação. Portanto é necessário ter em mente que o conceito de qualidade está relacionado às exigências da sociedade e, principalmente, a que tipo de ser humano se pretende formar.

No entanto, o que caracteriza uma escola não são essas coisas que frequentemente vemos em desenhos de escolas. A existência da escola reside no fluxo de interações entre pessoas. Devemos observar que o aspecto fundamental dessa noção de escola é a ideia de que nos elementos que a constituem são as pessoas que interagem. Na verdade, a interação de duas pessoas, a interação de dois sujeitos.

No entanto, esses sujeitos podem interagir de forma reflexiva ou não reflexiva. A escola reflexiva tem lugar quando os sujeitos que formam a comunidade educacional entram em processo de interação, reflexivamente (CASASSUS, 2001).

A ação reflexiva é, acima de tudo, uma posição mental que coloca o professor em estado de consciência em relação ao que ele está fazendo e a como está fazendo. Não uma consciência quanto a estar fazendo o que lhe disseram para fazer ou a estar usando a técnica adequada, mas uma consciência do que está fazendo em relação à aprendizagem de seus alunos.

Isso é o que Schön (2000) descreve como reflexão na ação, diferentemente da reflexão sobre a ação, que é uma reflexão posterior ao que se realizou que não ocorre na ação e, sim, posteriormente, para melhorar a próxima ação. Portanto o grande desafio é como tecer simultaneamente ação e reflexão. É como torná-las inseparáveis, porque este é um dos grandes temas caracterizadores da escola reflexiva.

As questões revelaram a compreensão que os estudantes possuem da escola em seus aspectos referentes a iniciativas, discussões, tomada de decisões, momentos reflexivos, cidadania, centralidade pedagógica, aquilo que os estudantes esperam ou acreditam que o gestor pode contribuir na escola e, por fim, que tipo de escola temos e qual tipo pretendemos ter. Antes de as questões serem respondidas, foram explicadas e esclarecidas as dúvidas sobre todas elas.

As análises consideraram as temáticas que mais foram contempladas na sequência numérica sempre seguidas das questões que foram elaboradas da primeira até a última.

A primeira questão sobre se é possível o gestor contribuir para a efetivação de uma escola reflexiva, todos responderam que sim. Na mesma questão foi indagado de que maneira isso seria possível, e as respostas mais comuns foram: opinando, dialogando e interagindo. Ainda na mesma pergunta indagamos sobre quais iniciativas tornariam isso possível. A grande maioria respondeu que por meio de trabalho em grupo ou coletivo, priorizando os grupos ou as equipes para realizar os trabalhos necessários.

Sobre a noção de equipe escolar, Lück (2001) destaca que ela é composta também pelos pais dos alunos e por toda a comunidade de forma geral, que deve ser mobilizada para que juntos possam promover o principal objetivo de toda equipe escolar: a aprendizagem dos alunos. Portanto a aprendizagem depende da capacidade de mobilização da escola para atuar coletivamente tanto para organizar quanto para decidir sobre o destino da escola.

Para Alonso (2003), o trabalho coletivo dentro da instituição escolar é uma meta a ser perseguida pelos gestores escolares, uma vez que a tarefa de educar é construída por uma ação conjunta dos vários personagens que atuam nesse processo. Portanto o gestor precisa priorizar o que diz respeito à coletividade, tendo por meta o trabalho coletivo.

Acrescenta Santos (2002), destacando que o gestor escolar tem de se conscientizar de que ele, sozinho, não pode administrar todos os problemas da escola. O caminho é a descentralização, isto é, o compartilhamento de responsabilidades com alunos, pais, professores e funcionários, o que se chama de gestão democrática, na qual todos os atores envolvidos no processo participam das decisões.

O poder decisório, por afetar ou beneficiar a comunidade escolar, deve ser envolvente, em que todos participam ativa e criticamente; pais, estudantes, funcionários e professores. O profissional que pode instigar a existência da participação de uma maneira coletiva, ativa e crítica, pela circunstância escolar, pode e deve ser o gestor. Essa participação é condição necessária para a cidadania.

Conforme Lück (2001), a prática individualista e competitiva deve ser superada gradativamente em nome de uma ação coletiva pela qual, no final, todos saiam ganhando, aprimorando-se no exercício da democracia e da socialização como forma de desenvolvimento individual. Consta-se, então, que aprender a trabalhar em conjunto é, com certeza, a condição necessária para a formação do cidadão em uma sociedade democrática, e cabe ao gestor escolar o papel de favorecer e garantir a participação de todos os integrantes nesse processo.

Considerando a viabilidade dessas mudanças na escola, enfocamos os sujeitos do processo educativo e os elementos desse processo consubstanciado no projeto político-pedagógico e do conhecimento escolar. Nessa tarefa que requer a participação de toda a comunidade escolar, o gestor deve assumir um papel primordial: ser o articulador da construção coletiva, assumindo a responsabilidade da mobilização de todos para a elaboração, o desenvolvimento e a avaliação do projeto político-pedagógico (ALARCÃO, 2001, p. 15-28).

Na segunda pergunta tínhamos o objetivo de descobrir sobre o grau de participação dos estudantes em relação às decisões da escola. Esta revelou que a grande maioria raramente participa das decisões; poucas vezes os alunos são consultados sobre os destinos da escola. Na opinião deles, seria necessário ocorrer com mais frequência diálogos referentes à educação em relação ao que fazer, como fazer e por que fazer.

Sobre o diálogo, Silva (2004) destaca que o gestor escolar deve conduzir a si mesmo e ao grupo a um processo de conscientização da realidade, no seu agir de forma crítica, consequência de um processo histórico e social, de forma dialógica, que busca o consenso e o bem comum do grupo, a transparência, a ética, a democracia, que levanta necessidades e resgata a dignidade humana. Nessas condições, acredita-se que o diálogo é primordial para buscar a participação de todos no processo educativo, pois isso facilita o desenvolvimento democrático, as relações com equipe gestora, professores e toda a comunidade escolar.

Na terceira questão a finalidade era encontrar elementos que evidenciassem a participação dos estudantes nos momentos reflexivos da escola. Nesta a grande maioria respondeu que raramente participa desses momentos.

Existe nesta pesquisa uma insistência na participação, por ela ser um dos indicadores da escola reflexiva. Conforme destaca Alarcão (2001), alguns indicadores dão o desenho de uma possível escola reflexiva e emancipadora no Brasil, cujo arcabouço teórico é o da escola democrática: universalidade da educação básica, com igualdade de oportunidade e ingresso e de sucesso do aluno em sua trajetória educacional; ensino de qualidade para todos, liberdade de aprender, de ensinar e de pesquisar; participação da reflexão coletiva sobre a prática, partilhando a construção do conhecimento; autonomia para criticar e divulgar a arte, a cultura e o saber.

Na quarta questão pretendíamos descobrir se os estudantes sabiam quais são os momentos que a escola utiliza para pensar sobre sua prática, e depois destes se percebiam continuidades ou mudanças. A maior parte citou o conselho de classe e reuniões, destacando que não é possível perceber mudanças depois desses momentos reflexivos.

Em sentido parecido, na quinta questão procuramos descobrir se as decisões mais expressivas resultam do individual ou do coletivo. A grande maioria acredita que as decisões mais expressivas passam por discussões ou encaminhamentos coletivos. Entre os mais citados estão a arrecadação de dinheiro, conselho de classe e eleições de regente da sala.

Por ser o conselho de classe o mais citado nas duas questões segue a análise conjunta. Importante destacar que para os estudantes o conselho de classe é um dos espaços e momentos mais importantes para a escola pensar em si própria. Isso revela que eles se sentem como parte integrante da escola embora nem sempre tenham bem clara essa ideia.

Na reflexão sobre o conselho de classe, auxilia-nos Guerra (2006), destacando que este é um momento de fundamental importância para a finalização parcial da avaliação dos alunos, pois é nesse espaço que os participantes podem desconstruir e reconstruir sua prática, buscando avaliar os alunos perante os objetivos propostos, pautados em critérios estabelecidos em que a linguagem é o instrumento propiciador da compreensão da própria prática possibilitando uma transformação. No entanto, mesmo a grande maioria apresentando o conselho de classe como momento reflexivo, não é possível visualizar mudanças expressivas posteriores à ocorrência destes, deixando margem a indagações que sinalizem para a necessidade de um repensar sobre a maneira como está sendo realizado o conselho de classe.

Para Pennycook (2001), seria importante repensar o conselho de classe com função de possibilitar a análise crítica da realidade educacional, mediante a observação de avanços, resolvendo problemas novos, em que o ato de avaliar possa ser uma fonte de conhecimentos e de novos objetivos a serem alcançados permanentemente ao longo do processo educativo, ressaltando a questão da igualdade e da inclusão.

Na sexta questão investigamos sobre o olhar da escola procurando descobrir se esse olhar considera o estudante isoladamente ou procura considerá-lo em seu contexto. Essa questão revelou que embora a maioria acredite ser considerado em seu contexto, muitos pensam que esse olhar precisa ser melhorado, pois ele ainda é limitado, já que, muitas vezes, a punição é anterior à compreensão.

Nessa questão a noção de punição está associada à ideia de indisciplina, porque diz respeito a condutas dos estudantes nos relacionamentos estabelecidos tanto no contexto escolar quanto no contexto mais amplo da sociedade. Torna-se evidente a necessidade de a escola pensar em si própria, porque seu olhar não está possibilitando o pensar; este que, de certa maneira, pode ser traduzido, nesta ocasião, pelo conceito de compreensão.

Para Garcia (1999), existe também a indisciplina no contexto do desenvolvimento cognitivo dos estudantes, como a contradição entre os critérios e expectativas assumidos pela escola, que supostamente refletem o pensamento da comunidade escolar em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo e aquilo que demonstram os estudantes. Portanto o conceito de indisciplina possui um sentido amplo que precisa ser melhor explorado.

Na sétima questão procuramos descobrir se a educação ocorre para o e no exercício da cidadania. Aqui os estudantes acreditam que a cidadania ocorre em parte, porque, muitas vezes, ensina-se o que é cidadania, no entanto, o estudante não tem muito direito à palavra. Percebe-se que, com isso, a escola ainda não consegue garantir o exercício da cidadania.

Segundo Alarcão (2001), escola não pode apenas preparar para a cidadania; nela precisa também se viver a cidadania, na compreensão da realidade, no exercício da liberdade e da responsabilidade, na atenção e no interesse pelo outro, no respeito pela diversidade, na correta tomada de decisões, no comprometimento com as condições de desenvolvimento humano social e ambiental. Esta também é uma cultura a ser desenvolvida e assumida. Uma educação a ser feita a partir da vida da escola.

Na oitava questão procuramos descobrir se todos participam do processo de aprendizagem ou se os professores ensinam e os estudantes aprendem. A grande maioria destacou que os professores ensinam e os alunos aprendem, e que não existe um processo de aprendizagem envolvente que alcance a todos. Essa questão foi a mais reveladora de todas, pois os estudantes lembraram que os pais não têm sido oportunizados de opinar sobre o que é ensinado a seus filhos. Também porque uns estudam e outros somente fazem bagunça, são indisciplinados. O pai somente é chamado quando o filho ou filha apronta, jamais para receber um elogio. Quase nada é compartilhado com outras pessoas; não existe interação entre escola e pais; o que se aprende não é colocado em prática na comunidade.

A ênfase nessa questão é a necessidade de uma interação maior entre todos. Não negamos a existência dela, porém percebemos que ela ainda é inexpressiva. Nesse contexto os estudantes não querem seus professores apenas como meros detentores do saber, como repassadores de conteúdos. Eles anseiam por professores que interatuem principalmente como auxiliares na tarefa de compreender melhor o mundo e a sociedade onde se vive.

Sobre a interação alerta-nos Alarcão (2001, p. 20), destacando que se a escola como instituição não quiser estagnar, deve interagir com as transformações ocorridas no mundo e no ambiente que a rodeia. Deve entrar na dinâmica atual marcada pela abertura, pela interação e pela flexibilidade. Nesse processo encontrará amigos críticos, desafios, propostas de colaboração. E nesse processo se desenvolverá. Como percebemos, a interação ocupa espaço central no

desenvolvimento da escola; ela necessita interagir para se transformar. Dessa maneira, a interação em seu interior entre todos, professores, estudantes, gestores e demais funcionários, é fundamental.

Portanto é necessário ocorrer mudanças. A esse respeito Alarcão (2001) destaca: a mudança de que a escola precisa é uma mudança paradigmática. Porém para mudá-la, é preciso mudar o pensamento sobre ela. É preciso refletir sobre as vivências escolares em uma atitude de diálogo com os problemas e frustrações, os sucessos e os fracassos, mas também em diálogo com o pensamento próprio e o dos outros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos diante de uma sociedade cada vez mais complexa na qual nos deparamos com a necessidade que a escola possui de realizar atividades reflexivas para poder encarar a grande diversidade de problemas que, muitas vezes, acreditamos que a escola deve resolver. No entanto o grande problema é que a instituição escolar ainda não consegue pensar em si própria de tal maneira que possa estar à altura das exigências que lhe são atribuídas.

O empenho empregado nesta pesquisa quer demonstrar claramente como podemos contribuir para a efetivação de uma escola reflexiva. Procurou-se deixar evidente nas análises que com a contribuição do gestor associada à participação ativa, crítica e criativa dos estudantes e demais componentes da comunidade escolar é possível vislumbrar a existência de uma instituição reflexiva. As análises das questões revelaram que é possível a efetivação de uma escola reflexiva, porque já existem lampejos que apontam para essa nova maneira de materializar a educação. Para tanto, é necessário que o gestor seja em tempo integral uma presença provocativa e sensibilizadora para acolher e materializar as demandas dos estudantes.

Entre elas: o gestor pode e deve contribuir para o surgimento da escola reflexiva; não é possível uma escola reflexiva sem a efetiva participação de todos na escola. A tomada de decisão precisa ser envolvente por mais simples que seja, o conselho de classe precisa ser participativo, no qual esteja envolvida principalmente a parte mais interessada; os estudantes e a interação entre escola e comunidade precisam ser encarados como elementos fundamentais.

Probable contributions of education to school management for reflective school's effectiveness

Abstract

The purpose with this research was to identify the understanding that students of the state school Fraiburgo, SC, have on the contributions that the manager can lead to the realization of reflective school. Data were collected through a questionnaire, with explanations of the meaning of reflective school. These issues were defined by issues of citizenship, participation, collective, individual, decision-making, interaction, among others. The results showed that the effectiveness of a reflexive school has some requirements. Students highlighted some as more important, among them participation of all in school affairs, collective decisions, greater interaction between school and community, student account in its overall context. About the manager said that their contribution is essential, through its leadership, positively influence everyone, parents, teachers, students and other staff. The ideas of participation, reflective spaces, as is the example of the class council shows that it is possible to effect an institution characterized by reflection.

Keywords: Reflective school. Manager. Students. Participation.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ALONSO, M. O trabalho coletivo na escola e o exercício da liderança. In: HORA, D. L. da (Org.). **Gestão Democrática na Escola**. Campinas: Papirus, 1994.

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2005.

CASASSUS, J. **La Revalorización de la escuela**. Los factores que afectan el rendimiento académico. São Paulo: Liber Livro, 2001.

- GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, n. 95, p. 101-108, 1999.
- GUERRA, M. G. G. **Conselho de classe**: que espaço é esse. São Paulo: [s.n.], 2006.
- LÜCK, H. **A Evolução da gestão educacional, a partir de mudança paradigmática**. Curitiba: [s.n.], 2001.
- LÜCK, H. **Liderança em gestão escolar**. Petrópolis: Vozes Limitada, 2012.
- MORAES, M. C. **Paradigma Educacional Emergente**. São Paulo: Papirus Editora, 1997.
- PENNYCOOK, A. **Critical Applied Linguistics**: a critical introduction. Mahwah: Lawrence Earlbaum, 2001.
- SANTOS, C. R. dos. **O Gestor Educacional de uma Escola em Mudança**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**: para além da teoria da curvatura da vara. Revista ANDE, ano 1, v. 1, 1982.
- SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Penso Editora, 2000.
- SILVA, M. B. da. **Construindo lideranças**: implicações pessoais, comunitárias e educacionais. Caxias do Sul: Meridional Ltda e Educ, 2004.
- TAVARES, J. **Uma Escola Reflexiva**. In: Presidentes do Congresso. Porto: Porto Editora, 2002.

